

Fichamento 9 - Capítulo 9 - Eva Santos

Referência: CARONE, I. A flama surda de um olhar. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia Social do Racismo:** Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- Neste último capítulo as organizadoras fazem uma homenagem para Eduardo de Oliveira e Oliveira (1924-1980) um homem negro, músico, professor e sociólogo na USP, o capítulo vai trazer sua atuação política na década de 70.
- A militância negra, ao ser entrevistada no Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), por iniciativa e coordenação de Ivair Augusto Alves dos Santos, foi unânime em afirmar a importância da obra e da atuação política de Eduardo de Oliveira e Oliveira (p.186).
- Recebe das mãos do militante Jurandir Nogueira, um volume intitulado Inventário analítico da Coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira (1984), do Arquivo de história contemporânea da Universidade Federal de São Carlos (p.186).
- Neste inventário estão arrolados 2.200 documentos em 13 grupos ou tipos, como correspondências, fotos, documentos pessoais, livros, periódicos, recortes, folhetos, produção intelectual, cadernos de estudos contendo fichamentos de livros, anotações de aulas, comentários, observações pessoais, artigos publicados nos jornais de São Paulo e revistas especializadas, bem como os relatórios da pesquisa que vinha realizando sobre ideologia racial no mestrado (p.286).
- Antônio Cândido, que prefaciou o inventário e conheceu Eduardo pessoalmente nos tempos da Maria Antônia, disse que: Havia na tristeza do seu olhar velado uma flama surda, que parecia erguer contra os obstáculos a sua figura nervosa e frágil (p.186).
- Nos documentos do arquivo de Eduardo atestam a ardência, o fogo de sua militância. A expressão nos seus escritos, dá pra sentir de perto a dor de um homem sublimada na ação política imediata, cravando as unhas na terra para a militância de hoje (p. 187).
- Na área de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob a orientação do Professor Ruy Coelho e, posteriormente, do Professor Borges Pereira sua dissertação de mestrado, intitulada Ideologia racial – Estudo de relações raciais (p.187).

- Sua tese afirma que o negro não é portador de uma ideologia racial definida, mas sim, de uma contra ideologia, ou seja, de uma predisposição para absorção dos modelos de organização, de comportamento, de personalidade dos grupos sociais existentes na sociedade inclusiva. Impulsão para absorver padrões de vida dos brancos e através deles, redefinir a posição do negro na estrutura social e as imagens negativas que circulam a seu respeito (p.187).
- Essa hipótese dependeu, para ser desenvolvida, de dois pares conceituais: stress (pressão)/strain (tensão) e negritude/negritude (p.188).
- O stress, tais como a pobreza, a estimulação concomitante de valores normativos contraditórios entre si, os preconceitos e os estereótipos, os impedimentos aos acessos dos benefícios sociais do trabalho, as respostas individuais a essas pressões diárias, como o sentimento de opressão, a tensão psicológica, a angústia, a ansiedade, a depressão ou as tentativas mais espetaculares para a adaptação, como o sentimento de revolta contra as outras pessoas ou a própria hostilidade paranoica, constituem o strain (p.188).
- Somos capazes de selecionar o strain para sobreviver psicologicamente ao meio cultural adverso e contraditório, procurando consciente e inconscientemente regular a invasão e reparar as ambiguidades que ameaçam destruir os nossos sistemas cognitivos e emocionais (p.188).
- A proposta básica de Eduardo era a de conhecer os mecanismos egóicos e inconscientes de defesa do sujeito negro às adversidades culturais brasileiras, inclusive a do branqueamento (p.188).
- Para tanto, buscou a utilização de métodos clínicos como o Teste de Rorschach para psicodiagnósticos mais precisos da organização dos sujeitos. Os relatórios mencionaram um questionário-piloto a ser aplicado a 60 sujeitos, em faixas etárias diversas, diferentes categorias sociais e sexuais (p.188).
- Em seguida foi feita a aplicação do Teste de Rorschach aos mesmos sujeitos (posteriormente, essa metodologia foi alterada para a aplicação de testes de Figuras humanas de Machover e Escalas de inteligência de Wechsler-Bellevue) (p.188).
- Os relatórios afirmam que os primeiros dados obtidos comprovavam as hipóteses iniciais de que o negro assume papéis que fazem dele um negativo do branco, através de comportamentos latentes e manifestos (p.188).

- Estão em ação nos sujeitos estudados, mecanismos psicológicos que projetam para fora deles mesmos a capacidade de aceitar a existência de um preconceito racial com base na cor. Segundo Eduardo, a manutenção do equilíbrio interno ou para o sujeito se proteger de ser esmagado pela tensão provocada pela adversidade cultural (189).
- As culturas, por sua vez, podem ser duras ou fáceis de acordo com a quantidade de stress que veiculam, com frequência ocorre, que a grande quantidade de stress (pressão) tenha efeitos psicológicos positivos na constituição da individualidade do oprimido, promovendo altos níveis de organização mental e emocional, que não seriam possíveis em situações sociais menos adversas. Os grupos minoritários que se revoltam são exemplos (p.189).
- Eduardo citou, a esse propósito, dois pensamentos, um de Walter Benjamin, que lembra: “a tradição dos oprimidos nos ensina que a regra é o estado de exceção em que vivemos”; outro de Hegel, provavelmente retirado de a fenomenologia do espírito, que diz que o escravo não deve apenas romper as correntes, ele deve também despedaçar a imagem negativa tanto nele quanto na cabeça de seu ex- senhor, antes de se tornar realmente livre (p.189).
- Dentro deste contexto de análise, os conceitos de negridade e negritude são utilizados por Eduardo para exprimir as respostas organizadas do negro à perversão social (p.189).
- A negridade é um momento de desalienação do negro na sociedade brasileira, mas ainda tem como modelo o branco. Já a negritude é uma contra ideologia construída para minorar as frustrações psicossociais de uma categoria racial e eventualmente auxiliá-la na luta direta pela modificação do status quo social (p.189).
- Pressupõe, portanto, a negação da ideologia da classe dominante, os seus valores, os seus pontos referenciais, os seus padrões estéticos, fazendo da cultura um dos elementos da transformação social. Eduardo questiona, se a existência de um grupo majoritário e inteligente, consciente de sua etnicidade, capaz de se desenvolver como intelligenzia do país? Em outras palavras, a negritude seria também a produção cultural do negro elevada a um alto grau de excelência para combater as ideologias dominantes? (p.190).
- Outra obra que merece destaque na produção intelectual de Eduardo é, sem dúvida, “O mulato, um obstáculo epistemológico” um artigo divulgado na prestigiada revista Argumento, ano I, nº 3, em janeiro de 1974 (p.190).

- Nele, Eduardo articula uma extraordinária reflexão sobre os mitos e fatos do sistema brasileiro de relações raciais, a partir da leitura do livro de Carl Degler intitulado *Neither black nor white: Slave and race relations in Brazil and the United States* (1970). Cujo objetivo foi de refutar os argumentos “historiográficos” de Carl Degler que se baseiam, na verdade, no estereótipo criado por André João Antonil de que o Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos (p.190).
- O mulato ou meia-raça, no dizer de Gilberto Freyre, seria um tipo socialmente aceito na sociedade brasileira; este mito estaria fundamentado num outro mito – a máxima segundo a qual, no Brasil, quem tem um pouco de sangue branco é branco (p.190).
- O argumento principal do historiador na comparação que estabeleceu entre as relações raciais nos Estados Unidos e no Brasil. A diferença específica entre os dois racismos seria a sua atenuação, do lado de cá, devida à aceitação social ou integração do mulato à sociedade brasileira (p.190).
- Ao atribuir ao mulato um lugar reservado em nossa sociedade, o autor também sofria, quem sabe involuntariamente, daquele daltonismo de que somos acusados por Ray Nash, para quem somos “o mais daltônico dos povos, a ponto de olhar na cara de um homem negro e não ver mais do que um homem”, sem enxergarmos o problema que ele representa (p.191).
- No artigo “o mulato é um obstáculo epistemológico? Eduardo aponta que obstáculo epistemológico é um impedimento ao conhecimento verdadeiro, sendo um bloqueio criado pela própria ciência para se conhecer o objeto. Neste caso, o mulato é um impedimento para se conhecer, de fato, a natureza das relações raciais no Brasil. Em que não se trata do mulato, mas sim da construção sociológica do mulato: a “saída de emergência” do sistema social que funcionaria como redutor de tensões raciais ou uma “válvula de escape” para evitar as polarizações antagônicas entre negros e brancos (p.191).
- Esse conceito ou constructo sociológico, de fundamento empírico insuficiente, funciona como uma ideia reificadora das relações raciais brasileiras (p.191).
- Para demolir o conceito mulato Eduardo ressalta a palavra não é literária é sim pejorativa, basta ver-lhe a etimologia (p.191).
- Sobre o conceito de mulato Eduardo cita o Machado de Assis que era um branco e que por tal se tomava; quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica (p.191).

- Os movimentos sociais negros iniciados em São Paulo na década de 1920, tinham à frente diversos ativistas que consideravam “mulatos”, José Correia Leite, inspirado em Vicente Ferreira, foi um grande batalhador para introduzir o termo negro em substituição ao vazio e hipócrita termo homem de cor (p.192).
- O obstáculo epistemológico à compreensão das relações raciais no Brasil é uma construção do ponto de vista da classe dominante branca, que supõe que o Brasil seja, retoricamente falando, o paraíso dos mulatos, ignorando os seus problemas e as demandas expressas pelos movimentos negros (p.192).
- Concluindo o capítulo nos escritos de Eduardo de Oliveira e Oliveira, a expressão mulato escape hatch seria melhor traduzida por alçapão ou armadilha preparada, sendo uma saída de emergência para o sistema de dominação branca e prisão para impedir que o mulato adquira consciência de sua negritude (p.192).